

## “A CADEIANÓS e sua implicação na prática da Psicanálise”

Liane Trece

O título dessa minha fala “A CADEIANÓS e sua implicação na prática da Psicanálise” por si só, já me convoca a convidar vocês a trilharem um caminho a partir da introdução da topologia no ensino de Lacan, e com isso interrogar alguns fundamentos para nosso ofício, tanto em intenção, como em extensão.

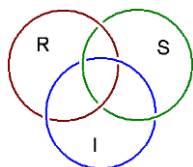
Um deles é o da estrutura: qual o testemunho que damos da nossa prática quando nomeamos a estrutura do falasser de neurótica, perversa ou psicótica?

A estrutura, para a psicanálise, se decide ou não na primeira infância?

A estrutura do falasser é rígida ou é flexível, passível de transformação contínua?

E, por último, como fica a noção da estrutura para a psicanálise a partir da introdução da cadeia borromeana?

Houveram avanços/mudanças que implicaram na nossa prática a partir do momento que Lacan afirma que a estrutura é o Real: Real, Simbólico e Imaginário enodados borromeamente?



Trago essas questões porque entendo que, se defino a estrutura do falasser como definitiva, definida na primeira infância, declaro ao mesmo tempo, minha posição quanto a teoria e quanto a minha escuta, dando o testemunho de qual lógica norteio minhas intervenções. Se a lógica fálica, que faz referência a dimensão do Simbólico, ou a lógica dos gozos, que tem o seu suporte na dimensão do Real.

Dimensão, como sabemos, morada do dito.

Mas antes de começar, de fato, quero agradecer a Swami, que gentilmente me convidou para falar hoje, me deixando muito à vontade para escolher o tema, mas, ao mesmo tempo comentando que estavam estudando o seminário 22, o RSI, e que seria ótimo me ouvir falar sobre a cadeia Borromeana...

Vou dar aqui um testemunho: confesso que quando eu li pela primeira vez o seminário 22, que já faz algum tempo, fiquei enamorada, entusiasmada em ver como Lacan estava, com o aplanamento da cadeia borromeana, articulando a clínica à teoria, na medida que ele ia fazendo a mostraçãõ de como a psicanálise operava.

Aproveito também para agradecer a Mardônio, a Danziato, companheiros de muitas jornadas no Espaço Moebius, (que esse ano está comemorando 30 anos de transmissão da Psicanálise), aos colegas da Invençãõ Freudiana: a todos vocês, meu muito obrigado.

Agora sim, dando uma segunda volta para recomeçar, gostaria de me posicionar em relaçaõ a psicanálise que pratico: para mim, a introduçãõ da cadeianós, realizada por Lacan na década de 70, a partir do seminário 19, Ou PIOR, na aula de 9 de fevereiro de 1972, deu à Psicanálise um novo direcionamento. Como um corte na sessãõ, causou efeito e a fez avançar... Não só porque possibilitou chegar mais próximo da resposta à questãõ que ele sempre se fazia: o que faz com que a psicanálise opere?, como também permitiu, com a escritura da cadeianós, trabalhar pela primeira vez com as 3 dimensões ao mesmo tempo, enodadas e da forma mais acertada, como ele mesmo afirmou.

As 3 dimensões que, enodadas e equiparadas, constituem a estrutura do falasser, que o intima a saber fazer aí com a invasãõ dos pedações do Real que o afeta e o faz sofrer, convocando-o a trabalhar.

Assim, ao meu ver, a definiçãõ da estrutura do Sujeito, na medida que a Psicanálise avança (Lacan não usa o termo progresso e justifica o porquê, no decorrer do sem. 24, duas vezes. Uma delas, na pág. 17, diz que não existe progresso desde quando a psicanálise revelou que o humano anda em giros, sendo exatamente nesse ponto que a psicanálise difere da ciênciã. Diferente da ciênciã, a psicanálise é uma forma moderna de fé...fé no inconsciente)

Entãõ, retomando... com a introduçãõ da topologia na psicanálise, essa é uma das propostas que tenho me permitido interrogar, a noçãõ de estrutura vai sofrendo

mudanças, passando a ser definida como uma escritura (como sabemos, a cadeia nós não é um modelo, que recorre ao grude do Imaginário), uma escritura que se suporta do Real (os nós, na matemática, são **objetos que se suportam do Real e são** chamados por Vappereau, na última lição do seminário ‘A Topologia e o Tempo’ pág. 81, de máquinas matemática).

Só a matematização atinge um Real, diz Lacan, sem. 20, pág. 178. *“Só a matematização atinge um Real – e é nisto que ela é compatível com nosso discurso analítico – um Real que nada tem a ver com o que o conhecimento tradicional suportou e que não é o que ele crê, realidade... o Real, eu diria, é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente”*. (Lacan, 15 de maio de 1973)

Um verdadeiro achado, como ele mesmo disse, no Sem. 22, pág. 50, e se achou foi porque procurou muito:

*“Esses nós borromeanos vieram-me, então, a calhar e desde logo eu soube ter isso uma relação que punha o Simbólico, o Imaginário e o Real numa certa posição, uns em relação aos outros, cujo nó incitava-me a enunciar algo que, como disse aqui, os homogeneizava.”*

Homogeneizava, porém, mantendo sempre a diferença entre cada dimensão pois elas são *homoios*, que não significa o mesmo, e sim o semelhante, equivalentes.

Tem uma passagem que considero interessante, no sem 24, nas págs. 8 e 9, que vale a pena comentar.

Depois de fazer uma crítica a teoria de Lord Kelvin que defendia a ideia de que a ciência era alguma coisa na qual funcionava um modelo com o qual era possível prever quais seriam o resultado do funcionamento do Real, recorrendo-se, assim ao Imaginário (modelo) para se fazer ideia do Real... se fazer um ideia... em francês “se faire” é homofônico com esfera “sphère”, com a cadeia borromeana do Imaginário, do Simbólico e do Real, ele pode distinguir cada dimensão para depois reatá-las... Faz

referência a conferência de 53, e diz que com o RSI fundou um nome próprio... O dele... *“Fundar um nome próprio é uma coisa que faz sobressair um pouquinho o nome próprio de vocês. O único nome próprio em tudo isso é o meu. A extensão de Lacan ao Simbólico, ao Imaginário e ao Real é o que permite esses três termos consistirem...”* (Seminário 24, pág. 9).

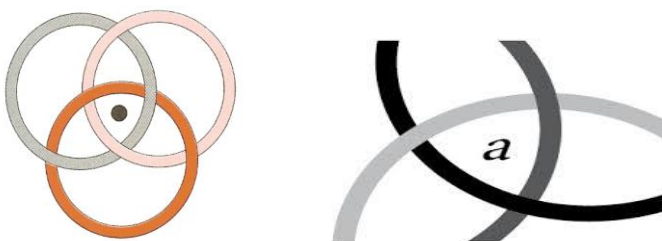
Um ano antes do seminário 22, no seminário 21, na pág. 106, Lacan já se interrogava:

O que a topologia supõe?

Em relação ao espaço, a topologia supõe uma consistência. Consistência, que vai ser atribuída a dimensão do Imaginário.

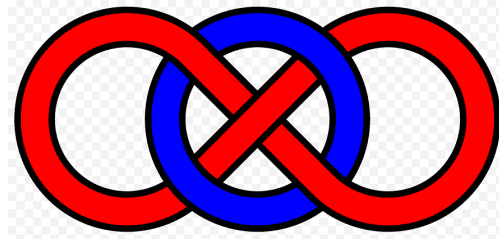
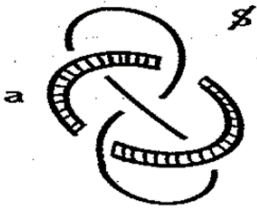
Chamo atenção para o fato da topologia elaborar um espaço (esta é uma outra mudança provocada pela introdução da topologia, a noção de espaço) que parte da vizinhança e da proximidade (espaço topológico). Vizinhança e proximidade são propriedades topológicas que irão ganhar toda uma importância nos últimos seminários, quando Lacan começar a articular a cadeia *anós* à prática analítica.

Outro ponto importante é que a mostraçãõ da cadeia borromeana também nos possibilita localizar e inscrever o campo do Sujeito no lugar antes atribuído ao objeto mais de goza, objeto a objeto que viria a satisfazer o gozo: no triplo buraco, coração da cadeia borromeana.



Sabemos que a partir do seminário 20 Lacan introduz a equivalência entre Sujeito e objeto e faz a mostraçãõ com a escritura do nó do fantasma, no qual, com uma

transformação contínua, sem corte e costura, um passa para o lugar do outro.



Além dessas novidades que a escrita nodal permitiu serem introduzidas na psicanálise, uma outra me parece também muito importante que está ligada ao corpo. Corpo que não tem apenas a ver com o Imaginário do corpo, (como o toro ou o saco de Freud ou o *cross-cap*, do seminário A identificação), apesar do corpo está localizado, no aplanamento da cadeianós, no buraco do Imaginário, e sim algo novo que Lacan articula não só com a dimensão do Imaginário, mas também com a dimensão do Simbólico e com a dimensão do Real.

Uma novidade que vai ser retomada em uma passagem do sem. 24, na pág. 9 e 10, quando ele comenta que, depois de tudo que fez consistir, é que ele se deu conta que era preciso falar do corpo (ele, que sempre foi criticado por não considerar o corpo): que havia não só um corpo do Imaginário (como no seminário da Identificação), mas também um corpo do Simbólico que é lalingua, e um corpo do Real que, de acordo com suas palavras, não se sabe, ainda, como ele aparece.

Outro fato que me parece importante destacar, uma outra mudança, é que a cadeianós é maleável – o que possibilita fazer uma mostraçã da flexibilidade da estrutura do *falasser*. Maleabilidade, que vai nos permitir trabalhar com a deformação contínua, proposta pela teoria dos nós, na matemática.

“Nós pensamos em forma de nós”. Pensamos com o Real, com o Simbólico e com o Imaginário, enodados...

Quando uma das dimensões predomina as outras, invadindo os diferentes campos, causa um desarranjo na estrutura, e o Sujeito, afetado, tem que se haver com isso... tem que saber lidar... desembaraçar-se... saber se virar... *savoir y faire*.

Importante assinalar é que o inconsciente, a partir desse momento, deixa de ser entendido como um saber insabido, um saber que não se sabe, e passa a ser algo inventado pelo Sujeito, em ato, no processo da análise... O sujeito inventa o inconsciente ao mesmo tempo que este o determina.

Na lição 11 desse seminário (21) Lacan inicia partindo da seguinte questão: *o que é... o que é que Lacan, aqui presente, tem inventado?* E responde que, para fazer as coisas andarem, inventou o objeto pequeno a, objeto causa do desejo.

Já o saber, ele vai dizer que se inventa, não qualquer saber, muito menos o do conhecimento ou o saber do mestre, e sim o saber que nos importa e seus efeitos significantes que afetam o Sujeito, efeitos que o falasser não tem como se safar. Este saber é o que visamos na experiência analítica: o saber inconsciente. É com esse saber que o filhote humano vai precisar saber se virar.

Lendo Freud, que tanto chamou atenção para o rigor da prática, venho propor para vocês 3 palavras “de ordem”, que para mim definem hoje as “pequenas etiquetas” da psicanálise.

Lacan, no sem. 15, ATO, pág. 65, vai nos dizer que a função da psicanálise se caracteriza claramente pelo seguinte: instituir um fazer pelo qual o analisante obtém um certo fim...uma certa finalidade. Esse fazer compõem as “pequenas etiquetas”.

A lei, a regra, como se diz, que circunscreve a operação chamada psicanálise, organiza e define um fazer... uma dessas etiquetas é que é o analisante quem trabalha... é ele quem fala o tempo todo. “*A psicanálise é uma prática de tagarelice*” (sem 25). Uma tagarelice que não acontece entre duas pessoas, pois, se assim fosse seria uma conversaço...

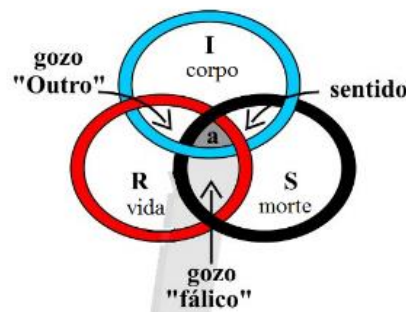
Encontrei, depois de muito pensar, uma definição que considerarei mais acertada para definir a psicanálise em intensão, já que não a tomo como um diálogo, que se pressupõem dois indivíduos, mas também não compartilho da ideia do monólogo. Tenho

pensado a prática psicanalítica mais próxima do que é chamada audição poética, na qual o analisante lê de uma outra forma sua própria poesia.

O analista intervém nessa produção, mas “não tem o direito, em nome de qualquer objetividade, de interpretar o sentido de uma figura dada nessa operação poética pelo sujeito fazente”. Sujeito fazente suportado no corpo do analisante, artesão responsável pelos seus artefatos.

Retomando, as 3 palavras de ordem que, para mim, compõem os regras da “pequena etiqueta” da psicanálise são: **prudência e cuidado** na condução de uma análise e **rigor** em relação as contribuições que cada analista, que sendo ao mesmo tempo dois, dois em um, “o analista para ter efeitos e o analista que esses efeitos teorizam” (Lacan, sem RSI, pág. 5), dá, para que a psicanálise em extensão avance.

Insisto em dizer que, pensando nas questões advindas das análises que acompanho, tenho buscado uma articulação teórica não mais pautada na lógica fálica (aquela norteada pelas 3 operações da falta – privação, frustração e castração - , pela forclusão e/ou declínio da função paterna) e sim na **lógica dos gozos**, assim, no plural:



gozo fálico, que é o gozo da linguagem, que na cadeia borromeana está inscrito na junção do Simbólico com o Real, gozo do Corpo, localizado na sobreposição dos buracos do Real com o Imaginário e gozo/ouço sentido, ou efeito de sentido advindo do Real, localizado na sobreposição dos buracos do Imaginário com o Simbólico. Lógica que se suportar no Real e tem como operador os Nomes do Pai (enquanto função) através das 3 Nomações: a Nomação Real, a Simbólica e a Imaginária.

Isso que acabo de dizer me parece importante porque marca minha posição teórico-clínica. E nesse ponto sou bastante chata e rigorosa.

Tenho dito que a partir de reflexões sobre a ética e as pequenas etiquetas da Psicanálise, considero que as formulações lógicas e nodais propostas por Lacan, nos desafiam a reconstruir uma nova estética que convém à nossa própria experiência clínica.

Aqui, acompanho o amigo e psicanalista, também baiano, Aurélio Souza, quando ele diz que cada analista inventa a psicanálise que pratica... e me arrisco a acrescentar que cada psicanalista não só inventa a psicanálise que pratica mas que também é o responsável pelo seu invento, sendo o seu dever respeitar as pequenas etiquetas da psicanálise.

Outras questões que sempre retornam quando estou trabalhando com a cadeia são: a escritura nodal é a mostra da clínica ou é a mostra da estrutura do Sujeito do inconsciente, aquele que nos interessa na análise?

E o que define a estrutura para Psicanálise hoje?

Para tentar responder essas questões, venho, já a algum tempo, interrogando a herança da nosografia psiquiátrica herdada por Freud e seus seguidores, inclusive Lacan, pelo menos até o seminário do Ato.

Essa herança ainda nos é útil ou podemos prescindir dela, como prescindimos do Nomes do Pai? Para mim, a escritura nodal é a mostra da estrutura do Sujeito ao mesmo tempo que é também a mostra do fazer do analista.

Real, Simbólico e Imaginário enodados borromeamente é a estrutura do falasser, e a cadeia é a sua mostra. É assim que leio o que Lacan anuncia no seminário RSI.

Desde o início da minha clínica já me perguntava se a estrutura que nos interessa, a estrutura de cada um que habita a linguagem e é por ela afetado é, de fato e direito, a estrutura nomeada de neurótica, psicótica ou perversa, como nomeou Freud, ao descobrir o inconsciente.



Estruturas, essas, determinadas pela falência, presença, claudicação ou denegação da metáfora paterna (Lacan). Estruturas regidas pelo complexo de Édipo (Freud) que por sua vez está apoiado na lógica fálica.

Respondo que para mim a herança nosográfica herdada já não me serve mais para dar conta das questões advindas da minha prática... não me serve mais porque, com as mudanças introduzidas na psicanálise com a topologia dos nós, o entendimento da noção de estrutura sofreu modificações importantes e serviu para Lacan ratificar o que já tinha apresentado e questionado em 67.

Como disse, Lacan, já no seminário XV, se interrogava sobre o que era, até então, chamado de estrutura clínica na psicanálise.

Nesse seminário vai afirmar que, o que a prática analítica revela é que não existe a psicose enquanto estrutura, entidade clínica..., o que existe são os psicóticos, assim como não existe a neurose e a perversão e sim os neuróticos e os perversos, um a um... cada um com suas singularidades, seus modos de gozo determinados pelos campos de existência do Real, do buraco do Simbólico e da consistência do Imaginário, que afetam o Sujeito e o faz sofrer.

Foi também nesse Seminário, (pág. 161), que encontrei o questionamento sobre a lógica que gira em torno do ter ou não ter o falo. Nessa lição Lacan vai afirmar que: “Não há qualquer experiência edipiana na psicanálise. O Édipo é a moldura na qual podemos reger o jogo...” Nada mais do que isso!

10 seminários mais adiante, no 25, “O momento de concluir”, na lição de 11 de abril de 78, retoma o que ele já tinha enunciado no texto “O aturdido” (Outros Escritos): que o fundamento da psicanálise não era o complexo de Édipo, era a “**não-proporção sexual**”.

E isso não é pouca coisa, como acrescenta Jairo Gerbase, no comentário da tradução dessa lição.

Retomando...

No seminário 22, o RSI, encontramos a afirmação que a estrutura do falasser é o Real. O Real é isso: 3 em 1, a trindade infernal do Real, do Simbólico e do Imaginário, enlaçados de tal maneira que se um se solta os outros também se soltam. Enodamento, **efeito de Lalíngua, advindo através de uma operação equivalente a uma “foraclusão primitiva”**, uma perda radical do objeto, responsável pelo “ponto-buraco”, **causa do próprio enlaçamento borromeano**. A estrutura é a cadeianós (e) o Sujeito é o objeto. Uma estrutura maleável, passível de sofrer transformação contínua.

Se, para mim, não é mais apropriado -essa é outra proposta que me permito apresentar- nomear a estrutura como sendo psicótica, perversa ou neurótica, resta uma questão: com o que lidamos na nossa prática quando alguém, que sofre de seu corpo e de seus pensamentos, nos demanda uma análise?

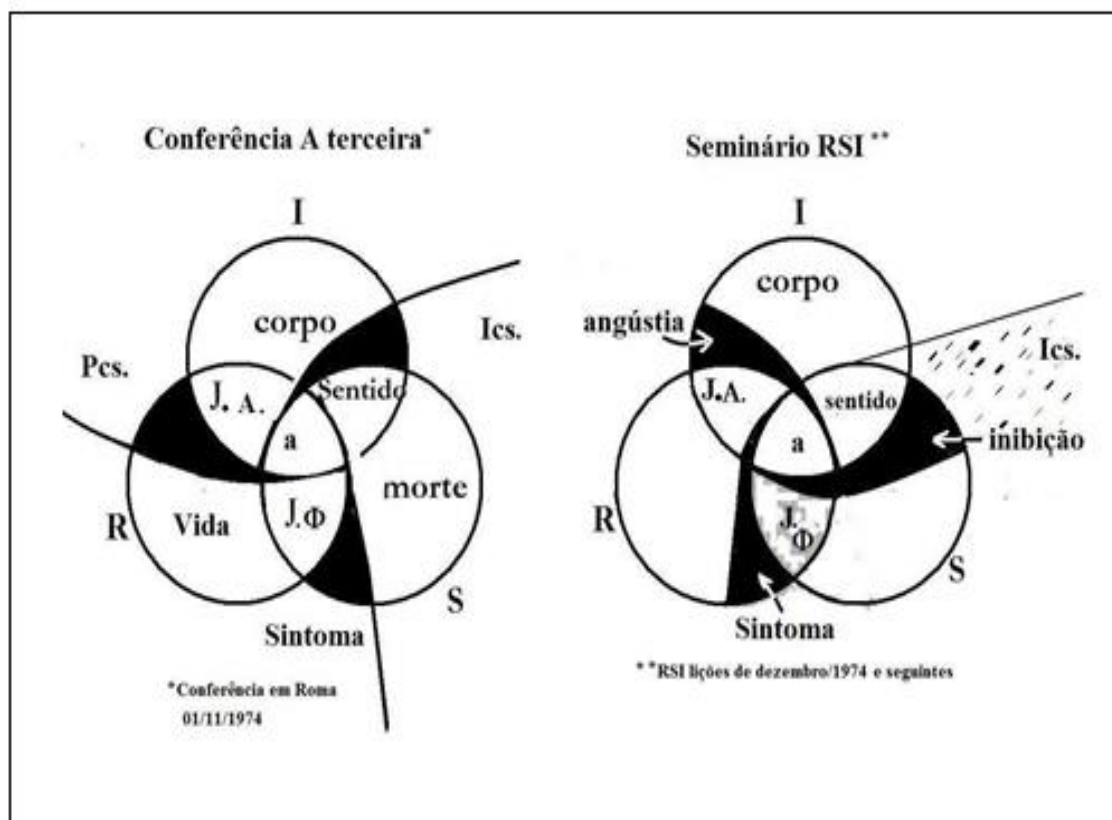
Mais uma vez, se faz necessário tomar partido.

Assim, apoiada pela lógica do não-toda, pela impossibilidade de se escrever a proporção sexual, pela lógica dos gozos, digo, o que para mim é um fato clínico: na clínica lidamos com manifestações ou formações, sejam elas neuróticas, perversas ou psicóticas, ou o que me parece mais apropriado chamar as heteridades do Sujeito (Aurélio Souza citando Lacan), das quais, aqueles que nos demandam ouvi-los, nos falam.

E é preciso tirar proveito daquilo que a língua na qual falamos nos oferece, sejam os equívocos ou não.

Manifestações ou formações... heteridades do Sujeito causadas pelos lapsos no enodamento do Real, do Simbólico e do Imaginário de cada um de nós em cada um dos nós.

Como sabemos, Lacan pode, com a cadeia borromeana, trabalhar pela primeira vez com as suas 3 consistências - R, S e I - ao mesmo tempo, e na planificação ou aplanamento da cadeia pode escrever



os diferentes campos de gozo que afetam o Sujeito; pode também inscrever os 3 de Freud - a inibição, o sintoma e a angústia, enquanto fato da estrutura; o falo, o inconsciente, a percepção pré-consciente e o consciente.

Além desses campos definidos temos também, no campo do Real, a vida e a morte; no buraco do Simbólico podemos inscrever o recalque, a cultura, o desejo, os ideais, as ficções construídas pelo Sujeito ao longo da sua história; e no campo do Imaginário, temos o corpo e as paixões do ser - ódio, amor e ignorância.

Então, lendo a escritura nodal, podemos constatar que Lacan procurou e depois de dar muitas voltas, encontrou... encontrou para nunca mais largar, chegando a chamá-lo de “o nosso bom nozinho borromeano camarada”.

Já no final do seu ensino, no encontro em Caracas, acrescenta que chegou a situar o Real, o Simbólico e o Imaginário numa topologia, a do nó chamado borromeano, pois a cadeia dos colocava em evidência a função do ao-menos-três. Simbólico atando e passando por cima do Real (sem. 25) “Aquele ata os outros desatados. Dei isso aos meus. Dei-lhes para que se reencontrem na prática”. (Lacan, Caracas)

Como já dito, ao longo da nossa produção enquanto analistas, somos, muitas vezes, forçados a tomar partido.

É evidente que cada escolha, cada recorte teórico, cada posicionamento estão diretamente ligados às nossas transferências de saber, ao nosso estilo.

Assim, vou continuar marcando a importância dada à linguagem pela Psicanálise para buscar uma resposta para o enodamento das 3 consistências, que, juntas, formam a estrutura.

Compartilho da leitura de Aurélio Souza, de que a linguagem que importa para a Psicanálise é a língua (Lacan, 1971) - essa “rede” formada por letras e significantes mantidos numa “vizinhança topológica”, sempre enriquecida pela polifonia. Assim, sendo o inconsciente estruturado como uma linguagem, é estruturado como os ajuntamentos de que se trata na teoria dos conjuntos, nos quais as letras são os elementos principais. (Lacan, sem. 20, pág. 66)

Partindo da premissa da ex-sistência do Sujeito primitivo, sujeito mítico, quando o somatório de língua, através de um processo de “incorporação”, o afeta, deixa marcas irreversíveis, pois, é esse ATO X, que vai determinar a perda radical que instaura o triplo buraco, no coração da cadeia borromeana: *troumatisme... troumatisme* é um jogo de palavras, um neologismo, no qual Lacan, no seminário 21, pág. 143, articula as palavras francesas *traumatisme*, trauma, com, *trou*, buraco.

*Troumatisme* que se constitui como sendo uma operação linguageira primeva, que, mesmo sendo responsável pela desnaturalização do Sujeito, é uma operação necessária para que o filhote humano saia de uma condição que não lhe convém e advenha como Sujeito do desejo.

Ato X, forclusão primitiva, responsável pelo enodamento do Real, Simbólico e Imaginário, ou seja, pela estrutura do falasser, que no Seminário RSI, Lacan vai atribuir **a função do PAI**.

Será essa função indispensável? Vocês podem estar se perguntando.

Eu me perguntei durante muitos anos.

Vejamos como hoje eu respondo a essa questão...

Sim, se tomarmos os Nomes-do-Pai enquanto função (como na matemática). Uma função que está implícita no enodamento das 3 dimensões.

Sabemos que a função radical dos Nomes do Pai é a de dar nome às coisas... está aí toda a sua importância. E ao nomear faz buraco e impõe uma ordem... um, dois três não é igual a um, três, dois... R, S e I não é a mesma coisa de S, R e I...

Foi lendo e relendo o seminário 22, depois o 23, o 24 e o 25, buscando responder as questões advindas de cada análise que acompanho, que cheguei a essa conclusão, passando, assim, do momento de concluir para o tempo de compreender...

Mas antes de continuar uma pequena advertência:

Para aqueles que acompanham com atenção o ensino de Lacan, sabem que o que foi dito no seminário 21 em relação à cadeia borromeana e a clínica, logo a partir da conferência A Terceira e no Seminário 22 (que são contemporâneos), não mais se sustenta.

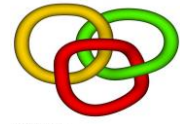
Esclareço:

- a mostraçao de uma cadeia borromeana para os psicóticos, formada pelas três



consistências desenodadas, soltas, não é possível... \_\_\_\_\_

- uma cadeia borromeana sugerida para Schereber, onde o Real e o Imaginário se

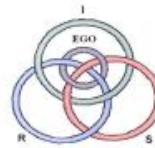
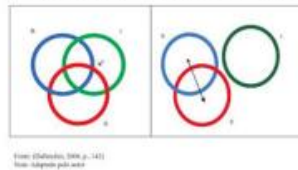


enodam olímpicamente e o Simbólico fica desenlaçado, também não.

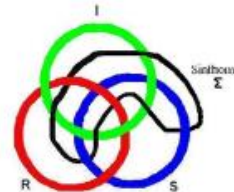
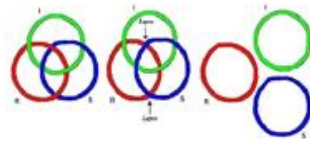
- uma cadeia formada pelas 3 consistências indiferenciadas, como se fosse um gel de consistências, para os autistas, idem;

Além dessas cadeias, no seminário 23, Lacan vai sugerir duas escrituras para a estrutura de Joyce:

- uma onde o Imaginário está desenlaçado das outras duas dimensões e é necessário "algo" que faça o ajuntamento das três consistências... que faça uma prega;



- e uma outra onde as três consistências estão desenlaçadas e uma quarta, que Lacan nomeia como Sinthoma, as enoda borromeamente.



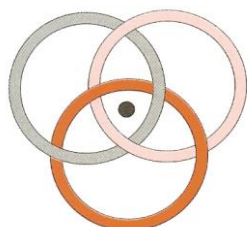
As escrituras das cadeias borromeanas sugeridas para Joyce no seminário 23 também não se sustentam.

Por que na minha leitura, essas escritas nodais não respondem à clínica nossa de cada dia?

Na passagem da cadeia de 3 consistências para a cadeia formada pelas 4 – Real, Simbólico, Imaginário, onde a 4 dimensão, o Sinthoma estaria explícito, e depois o retorno para a cadeia formada pelas 3 consistências, na qual o Sinthoma se faz presente implicitamente, a quarta dimensão, cantada em verso e prosa no Seminário 23, é elevado a categoria de função (essa é minha proposta); assim, algumas dessas escrituras da estrutura não se fazem mais possíveis, como por exemplo as sugeridas para Joyce.

Como dito, é que os Nomes do Pai, enquanto função, faz buraco, e, ao fazê-lo, ao mesmo tempo e nas diferentes superfícies das dimensões, possibilita que o R, o S e o I se enlacem.

Faz buraco a partir do buraco primevo, coração da cadeia nós que não se desfaz. Ponto triplo, ponto de cunhagem, de trava, engastalhamento central das três dimensões.



Mas, podemos nos perguntar: o que mantém R, S e I enodados?

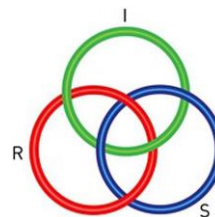
É o próprio efeito de nodalidade... uma vez enodados jamais serão separados.

Lacan já falava dessa propriedade do enodamento no RSI, (pág. 47). E Vappereau, na última lição do seminário A topologia e o Tempo, 78/79 (pág. 84), comenta que a cadeia borromeana é formada por três, e questiona: o que, então, sustentaria os três?

Responde que cada um dos três nós sustenta os três, essa é a tríade infernal do RSI - o 3 em 1 - ao mesmo tempo que cada um dos três nós sustenta os outros dois.

Então, se uma vez enodas as dimensões não se soltam, como pensar em uma escrita da estrutura para a neurose - nó olímpico), se nem mesmo a neurose existe, ou para Schreber, onde o Real e o Imaginário se enodam olímpicamente e o Simbólico fica desenlaçado? Ou a sugerida para os psicóticos, formada pelas três consistências desenodadas?

E não fica por aí... outro fato que constatamos na clínica é que uma estrutura, sem lapsos



no enodamento, seria uma estrutura ideal e, se ideal, esta não existe.

Sabemos que não somos tão normais assim.

Somos afetados por lalingua mesmo antes do nosso nascimento... somos marcados, desde sempre, por uma falta primordial responsável pela desarmonia no mundo.

Na cadeia nós sem lapso no enodamento tudo funcionaria de forma equilibrada, harmoniosa, sem sintomas porque o Simbólico não invadiria o Real, sem inibição porque Imaginário não invadiria o Simbólico, e sem angústia porque o Real não invadiria o Imaginário.

Não teríamos prevalência e/ou dominância de um gozo em relação aos outros e todos gozariam da vida e da morte sem culpa e sem remoço, pois essas coisas nem existiriam. Seríamos uma comunidade de sujeitos advertidos, implicados nos nossos ditos e dizeres, nos nossos atos e escolhas.

Viveríamos em um mundo onde o Grande Outro não precisaria existir nem como invenção necessária para cada um.

Mas sabemos que para o filhote do humano esse mundo perfeito não existe.

Quando os lapsos ocorrem no enodamento das 3 consistências; quando o que tinha que passar por cima passa por baixo, um campo de ex-sistência, com todas as suas zonas implicadas, avança sobre o outro, causa inibições, sintomas e/ou angústia.

Causa excessos de gozo que afetam o Sujeito e o faz sofrer.

Causa pesadelos que não o deixa dormir.

Causa zumbidos no ouvido, dor de barriga, doenças psicossomáticas... anorexia, bulimias...

Causa manias, insônia, tristeza profunda e melancolia.

Qual a importância desse fato para a prática psicanalítica?

Partindo da minha experiência, o que faz alguém demandar uma análise é o sofrimento...

Uma sensação de dor no peito, uma inquietação... um medo... um sintoma...

Algo que afetado, o sujeito não sabe o que é.

Sufrimento que, no que venho interrogando, é gerado pela desorganização dos diferentes campos que formam a estrutura do sujeito?

E por que pergunto isso?



Porque, trabalhando a partir dessa outra lógica – a dos gozos – vamos, enquanto analistas, nos dando conta de que, quando o analisante fala, não importa o que diga, é sempre afetado pelo Real, Simbólico e Imaginário, dito de outra maneira, é sempre invadido pelas quatro modalidades de gozo.

Uma modalidade determinada pela função do falo, que vem dar significação ao que ele diz, outra que se manifesta na relação com a língua, que é a do gozo experimentado no corpo, outra ouço/efeito de sentido, presente em todo dizer e ainda outra que é um plus de todos os 3 gozos, o mais de gozar.

O mal-estar acontece quando uma dessas modalidades tem predomínio em relação às outras, causando um desarranjo na estrutura.

Vejam os:

Uma experiência, que tenha efeito de trauma para o sujeito, encontro com pedaços do Real, sem a mediação do Simbólico e do Imaginário, pode desorganizar a estrutura, deixando o sujeito em uma posição de maior vulnerabilidade psíquica, em um maior embaraço.

Se o Real invade o campo do Imaginário, temos a angústia e um excesso de Gozo do Corpo, como nas manifestações melancólicas, onde o sujeito sabe quem ele perdeu, mas não o que perdeu. O melancólico não tem uma condição simbólica nem imaginária suficiente para transformar a sua perda em falta, como fazem os enlutados, restando-lhe o vazio, o inominável, a sombra do objeto.

Diante desse sujeito afetado por esse excesso de gozo, angustiado, a intervenção analítica, essa é minha hipótese, deve ir na direção de provocar o Simbólico a conter essa invasão do Real, pois o Imaginário já deu provas que não está dando conta. Seria viabilizar, através da intervenção, a simbolização do Real do Imaginário, visto que a angústia é o imaginariamente Real, ou seja, o Real incluído no Imaginário sem a mediação do Simbólico (Simbólico atrofiado).

O analista faz isso como? Como ele opera nesses casos?

Opera com a palavra plena, convocando o sujeito, suportado no corpo do analisante, a falar dele para ele mesmo, não importado o que.

Opera com a polifonia, com a jaculação.

Se é o Real que avança em relação ao campo do Simbólico e do Imaginário como acontece nas manifestações psicóticas, sem nenhuma mediação, a intervenção do analista deve buscar ter um efeito que provoque a imaginarização do Real do Simbólico. O que se busca nessa intervenção é uma espécie de convocação do Imaginário, ou seja, com a intervenção o analista aposta em um efeito de sentido que possibilite o sujeito barrar o transbordamento de gozo do corpo.

Com a escritura da cadeia nós é possível também fazer a mostra do que acontece com a estrutura na passagem ao ato, quando o sujeito experimenta o gozo do Corpo na sua intensidade máxima, pois trata-se nesses casos de um gozo fora linguagem e fora sentido, no qual, ao experimentá-lo, verificamos a impossibilidade do Sujeito de barrar, de conter seus efeitos, pois lhe faltam ferramentas simbólicas e imaginárias devido a predominância do Real sobre o Imaginário, alargando assim, esse campo de gozo em relação aos outros. Nada nesses casos é possível para conter os efeitos desse gozo que invadem o Sujeito, a não ser um trabalho do Simbólico através da fala e do Imaginário, através da imaginarização dos efeitos do Real sobre o corpo que sustenta o Sujeito.

Se estamos diante do domínio do Simbólico e este invade o Real, temos o sintoma... sintoma enquanto fato da estrutura...daquilo que não vai bem no Real.

Uma intervenção que busque barrar o Simbólico através da imaginarização do Simbólico do Real pode ter um efeito clínico interessante.

Nessas situações há também um excesso de gozo fálico que afeta o sujeito, provocando manifestações neuróticas importantes.

Se o Simbólico invade o campo do Imaginário, sem a mediação do Real, a intervenção do analista deve buscar causar um efeito onde seja possível barrar o Simbólico através do Real, ou seja, realizar o Simbólico do Imaginário...ali, na letra... no corte da sessão.  
(Imaginariamente simbólico)

Já, se é o Imaginário que invade o campo do Simbólico, sem ter o limite do Real, estamos diante da inibição, o simbolicamente imaginário... A intervenção do analista deve provocar a realização do Imaginário do Simbólico.

Vocês devem estar percebendo que todas essas operações, ou intervenções no Simbólico, no Real e no Imaginário que causam transformações, só são possíveis na clínica se entendemos que a estrutura é flexível. Uma intervenção, no discurso do analisante, feita pelo analista, que tenha efeito de interpretação, pode resultar em uma operação topológica, barrando assim a prevalência/invasão de uma das dimensões em relação as outras, desfazendo efeitos de enodamentos, de falsos buracos, de falsos cruzamentos, provocando um novo arranjo entre as três dimensões.

Transformações contínuas possíveis na análise em intenção.

Essa é minha aposta, aposta na psicanálise!

Uma outra maneira de trabalhar com a cadeia na clínica é pensar na proposta do psicanalista Charles Melman. No livro Ensaio sobre a topologia lacaniana, o autor Marc Darmon, na pág. 242, comenta que Melman sugere para a manifestação fóbica uma escritura nodal lida da esquerda para direita (dextrógiro), ou seja, em vez do Real passar por cima do Simbólico, do Simbólico passar por cima do Imaginário e do Imaginário passar por cima do Real, ou do Real que invade o Imaginário, do Imaginário que invade o Simbólico e do Simbólico que invade o Real (levógiro), ler-se, na fobia, o Real passando por cima do Imaginário e não do Simbólico, na qual o Real se desdobraria.

Mas isso é material para uma outra apresentação...

Muito obrigada

Obs- Trabalho apresentado na Invenção Freudiana – Fortaleza. 31/08/2020

## Referências

- Harari, Roberto. Como se chama James Joyce? : A partir do seminário Le Sinthome de J. Lacan. Salvador – BA: Ágalma; Rio de Janeiro: Campo Matêmico. Ed.2002
- Harari, Roberto. As dissipações do inconsciente. Porto Alegre – RS:CMC Editora. Ed.2003
- Lacan, J. O Seminário, livro 4 – A relação de objeto – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1995
- Lacan, J. O Seminário, livro 5 – As formações do inconsciente – Rio de Janeiro: Campo Freudiano do Brasil, Jorge Zahar Ed.1999
- Lacan, J. O Seminário, livro 15 – O Ato Psicanalítico– Inédito – 1967-1968
- Lacan, J. O Seminário, livro 19 – Ou Pior – Publicação para uso interno do Espaço Moebius.
- Lacan, J. O Seminário, livro 21 – Os não tolos vagueiam. Publicação para uso interno do Espaço Moebius
- Lacan, J. O Seminário, livro 22 – RSI – Inédito – 1974/1975
- Lacan, J. O Seminário, livro 23 – O sinthoma - Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar Ed. 2007
- Lacan, J. O Seminário, livro 24 – O não sabido que sabe de um-equívoco é o amor – Inédito 1977/1978
- Lacan, J. O Seminário, livro 25 – O momento de concluir. Inédito 1977-1978
- Lacan, J. O Seminário, livro 26 – A Topologia e o Tempo. Inédito 1978-1979
- Lacan, J. Escritos, Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar Ed. 1998
- Lacan, J. Outros Escritos, Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar Ed. 2003